

Grande ABC tem mortalidade infantil menor que Estado e País

Brasil registrou, em 2022, média de 12,9 óbitos para cada 1.000 nascidos vivos, enquanto no Grande ABC, a taxa é de 10,4 mortes

THAINÁ LANA
thainalana@dgabc.com.br

A taxa de mortalidade infantil no Grande ABC está abaixo do índice nacional. Em 2022, o Brasil registrou média de 12,9 óbitos infantis para cada 1.000 nascidos vivos, enquanto na região o número chegou a 10,4. Já no Estado foram 11,1, segundo dados da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados). Os números nacionais foram divulgados na quarta-feira (29) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Em 2022, a probabilidade de um recém-nascido não completar o primeiro ano de vida no Brasil era de 13,9 para homens e 11,7 para mulheres. A taxa de mortalidade refere-se ao cálculo que indica o número de óbitos em relação a cada 1.000 nascidos vivos ao longo de um ano. As principais causas da mortalidade infantil no Estado englobam



MÉDIA. Dos 295 óbitos na região, 44% ocorreram em bebês com até seis dias

de vida. As principais causas da mortalidade infantil no Estado englobam série de afecções como malformações congênitas, doenças infecciosas e parasitárias e doenças do aparelho respiratório, além de causas externas, a maioria relacionada à

sufocação acidental, inalação e ingestão de conteúdos que causam riscos para a respiração, de acordo com informações da Fundação Seade. Nos municípios do Grande

ABC, foram registrados 295 óbitos infantis no ano passado. Diadema é a cidade da região com o maior índice de mortalidade, com 13,2. Na sequência aparecem Mauá (13,1), Santo André (10,4) e São Caetano (9,9) com as taxas mais altas.

Do total de mortes infantis registradas na região, 44% ocorreram com bebês com até seis dias de vida, no período conhecido como neonatal precoce. O restante dos óbitos foram contabilizados no pós-natal (28 dias e mais do recém-nascido), com 93 casos (31,5% do total), e os demais, 24,4% (72) foram no neonatal tardio (7 a 27 dias de vida).

A secretária de Saúde de Santo André atribuiu a taxa de mortalidade no município a dois fatores. "As ações de combate a mortalidade que ficaram prejudicadas durante a pandemia da Covid-19 e estão sendo normalizadas de forma gradual, além da redução significativa da taxa

de natalidade, que frente ao número de óbitos se mantiveram estáveis, provocando aumento no percentual da taxa de mortalidade".

De acordo com o órgão, Santo André conta com o Comitê de Vigilância à Mortalidade Materna, Infantil e Fetal, que é um comitê multiprofissional com função eminentemente educativa e de acompanhamento da execução de políticas públicas. Diadema destacou que atua para diminuir a mortalidade materno infantil, ampliando a cobertura de atendimento na rede de saúde com oferta do planejamento familiar, acompanhamento do pré-natal, entre outras medidas.

Já a Secretária de Estado da Saúde afirmou que promove diversas ações e estratégias para combater a mortalidade infantil, como capacitação precoce de gestante para o pré-natal, integração de protocolos de assistência materno infantil, quali-

ficção da assistência materno infantil através de fóruns de discussões, utilização do método kanguru para as crianças prematuras e de baixo peso, fomento do aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses de vida e alta qualificada do binômio

EXPECTATIVA DE VIDA

Além dos dados de mortalidade infantil, o IBGE divulgou nesta semana a expectativa de vida no País em 2022, que voltou a subir após a pandemia da Covid-19. Segundo o instituto, uma pessoa nascida no Brasil no ano passado tinha expectativa de viver, em média, até os 75,5 anos. Para os homens, esta expectativa era de 72 anos e para as mulheres, de 79.

As estimativas indicam que a expectativa de vida caiu de 76,2 anos em 2019 para 74,8 anos em 2020 e para 72,8 anos em 2021, em consequência das mortes relacionadas à pandemia.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades **Página:** 1